
Ochoa e Anzaldúa: epistemologias feministas, educação popular e interculturalidade¹

Eliada Mayara Alves Krakhecke*, Dulce Mari da Silva Voss** e Maria Cecilia Lorea Leite***

Resumo

O trabalho apresenta resultados de uma pesquisa biográfica e bibliográfica sobre a vida e as obras das feministas latino-americanas Gloria Evangelina Anzaldúa (1942-2004) e Luz Maceira Ochoa (1974), com o objetivo de compreender suas epistemologias e experiências no âmbito dos movimentos feministas e da educação popular enquanto repertórios de despatriarcalização das ciências e da pedagogia na América Latina. Sob perspectiva teórico-epistemológica intercultural, percebem-se as experiências das ativistas na educação popular como ações políticas e pedagógicas propulsoras do enfrentamento à opressão do patriarcado e à colonialidade dos corpos de mulheres latino-americanas. As experiências cotidianas de Anzaldúa e Ochoa fizeram delas ativistas e escritoras fronteiriças comprometidas com a construção do pensamento e política feminista voltada à educação de mulheres das classes populares, por meio de ações pedagógicas que permitem, ao mesmo tempo, a reflexão acerca dos conflitos de gênero, a tomada de consciência e o engajamento nos movimentos feministas latino-americanos. Com base nos estudos realizados, considera-se que a atuação política e pedagógica de Anzaldúa e Ochoa no contexto latino-americano sinalizam a emergência de repensar os processos de ensino e aprendizagem nas escolas, com vistas à construção de uma educação plural comprometida com a justiça social.

Palavras-chave: educação popular; interculturalidade; despatriarcalização.

Ochoa and Anzaldúa: feminist epistemologies, popular education, and interculturality

Abstract

This paper presents the results of biographical and bibliographic research on the lives and works of Latin American feminists Gloria Evangelina Anzaldúa (1942–2004) and Luz Maceira Ochoa (1974–), aiming to understand their epistemologies and experiences within feminist movements and popular education as repertoires for the depatriarchalization of science and pedagogy in Latin America. From an intercultural theoretical-epistemological perspective, the activists' experiences in popular education are understood as political and pedagogical actions that drive resistance to the oppression of patriarchy and the coloniality imposed on Latin American women's bodies. The everyday experiences of Anzaldúa and Ochoa made them borderland activists and writers committed to developing feminist thought and politics focused on the education of women from popular classes, through pedagogical practices that foster gender conflict reflection, awareness-raising, and engagement in Latin American feminist movements. Based on the conducted studies, it is considered that the political and pedagogical work of Anzaldúa and Ochoa in the Latin American context highlights the urgency of rethinking teaching and learning processes in schools toward building a plural education committed to social justice.

Keywords: popular education; interculturality; depatriarchalization.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

* Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pesquisadora dos Grupos de Pesquisas *Philos Sophias* e Laboratório Imagens da Justiça. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2686-4520>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1123050116130877>. E-mail: eliadamayara@hotmail.com.

** Doutora e Mestra em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Docente da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA - Campus Bagé/RS). Líder do Grupo de Pesquisa *Philos Sophias*. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0672-7273>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6357471301897496>. E-mail: dulcevoss@unipampa.edu.br

*** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Laboratório Imagens da Justiça. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9197-2299>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6507656416518174>. E-mail: mclleite@gmail.com.

Ochoa y Anzaldúa: epistemologías feministas, educación popular e interculturalidad

Resumen

El trabajo presenta resultados de una investigación biográfica y bibliográfica sobre la vida y las obras de las feministas latinoamericanas Gloria Evangelina Anzaldúa (1942–2004) y Luz Maceira Ochoa (1974), con el objetivo de comprender sus epistemologías y experiencias en el ámbito de los movimientos feministas y de la educación popular como repertorios para la despatriarcalización de las ciencias y de la pedagogía en América Latina. Desde una perspectiva teórico-epistemológica intercultural, se perciben las experiencias de las activistas en la educación popular como acciones políticas y pedagógicas que impulsan el enfrentamiento a la opresión del patriarcado y a la colonialidad de los cuerpos de las mujeres latinoamericanas. Las experiencias cotidianas de Anzaldúa y Ochoa las convirtieron en activistas y escritoras fronterizas comprometidas con la construcción del pensamiento y de la política feminista orientados a la educación de mujeres de las clases populares, mediante acciones pedagógicas que permiten, al mismo tiempo, la reflexión sobre los conflictos de género, la toma de conciencia y el compromiso con los movimientos feministas latinoamericanos. A partir de los estudios realizados, se considera que la actuación política y pedagógica de Anzaldúa y Ochoa en el contexto latinoamericano señala la urgencia de repensar los procesos de enseñanza y aprendizaje en las escuelas, con miras a la construcción de una educación plural comprometida con la justicia social.

Palabras clave: educación popular; interculturalidad; despatriarcalización.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta estudos sobre a vida e as obras de Gloria Evangelina Anzaldúa (1942-2004) e Luz Maceira Ochoa (1974), com o objetivo de compreender suas experiências no âmbito dos movimentos feministas e da educação popular enquanto repertórios de despatriarcalização das ciências e da pedagogia na América Latina. O estudo decorre de uma pesquisa biográfica e bibliográfica, sob perspectiva teórico-epistemológica intercultural, cuja análise relaciona as epistemologias feministas das autoras às suas experiências políticas e pedagógicas de enfrentamento à opressão do patriarcado e à colonialidade dos corpos de mulheres no contexto latino-americano.

Para tanto, importa destacar que, sob ponto de vista epistêmico, o colonialismo está relacionado ao domínio eurocêntrico em detrimento das culturas, saberes e modos de existências dos povos originários na América Latina, fazendo com que diversos epistemicídios tenham acontecido ao longo da história e que as violências se perpetuem em razão do racismo, da misoginia e do sexism. O cientificismo moderno estabeleceu o homem branco colonizador como padrão hegemônico do que é a civilização, o progresso e a cultura, como categorias naturais e transcentrais baseado nas metanarrativas eurocêntricas. Desse modo, a produção do que se entende como humano universal é fruto da colonização e do colonialismo na história ocidental.

De acordo com Quijano (2005), o domínio colonial e a consequente captura e violação das culturas originárias se tornou possível pela imposição da figura racializada do “Outro” e decalcada sobre aqueles que não são considerados civilizados, o que justificaria a exploração direta dos corpos dos povos ameríndios. A colonização foi intensificada nos tempos modernos da industrialização mundial, para a manutenção do padrão capitalista de exploração do trabalho. Desde então, o patriarcado se constitui pela imposição do poder, ser e saber eurocêntrico como padrão majoritário de pensamento e ação política.

Mas tal imposição não acontece sem resistências, tanto pela produção epistemológica quanto pela ação política insurgente: “É a partir dessas compreensões que podemos avançar na construção de um feminismo decolonial latino-americano, com base popular, comprometida com os interesses de classe de uma grande parcela de mulheres que estão alijadas das estruturas de poder” (Silva, 2019, p. 188).

Com base nesses pressupostos, o trabalho feito vai ao encontro dos estudos decoloniais em sua aliança com a longa tradição de lutas dos movimentos negros e indígenas, crianças, mulheres negras e indígenas, jovens das periferias urbanas das Américas, amefricanas, cuja conjugação de forças compõem a efervescência decolonial. O que tem se pautado na e pela produção de conhecimentos e experiências cotidianas de transgressão à colonialidade e ao patriarcado.

Cabe aqui apresentar outro ponto-chave desse estudo que aborda as experiências feministas de autoras latino-americanas. Silva (2022, p. 02) especifica: “O feminismo que trato aqui é um feminismo de caráter descolonial”, enfatizando que busca incorporar as perspectivas de autoras/es e produções latino-americanas que reconhecem o “patriarcado aliado ao processo de colonialismo, ou, mais do que isso, colonialidade”. Mesmo reconhecendo que os povos periféricos não estão mais diretamente subjugados pelo poder colonial, a autora argumenta que na contemporaneidade este poder ainda subsiste, enraizado em paradigmas eurocêntricos e patriarcais de mundo.

Em contrapartida, a interculturalidade, conforme Walsh (2019), representa um paradigma que não só questiona e transforma a colonialidade do poder, mas também evidencia a diferença colonial:

Em suma, a interculturalidade é um paradigma ‘outro’, que questiona e modifica a colonialidade do poder, enquanto, ao mesmo tempo, torna visível a diferença colonial. Ao agregar uma dimensão epistemológica ‘outra’ a esse

conceito - uma dimensão concebida na relação com e através de verdadeiras experiências de subordinação promulgadas pela colonialidade - a interculturalidade oferece um caminho para se pensar a partir da diferença e através da descolonização e da construção e constituição de uma sociedade radicalmente distinta (Walsh, 2019, p. 27).

Além disso, essas interconexões fundamentam o “posicionamento crítico fronteiriço, cujo caráter epistêmico, político e ético orienta-se para a diferença e a transformação das matrizes do poder colonial” (Walsh, 2019, p. 28).

Neste estudo, a interculturalidade emerge como perspectiva teórico-epistemológica de abordagem dos movimentos, pensamentos e ações de autoras feministas latino-americanas. Os movimentos feministas latino-americanos e as experiências pedagógicas de autoras e ativistas latino-americanas colocam em questão o poder majoritário do patriarcado colonial. Nesse sentido, Gutiérrez (2020) aponta que a inclusão de uma perspectiva intercultural deve ir além da mera ação afirmativa ou de políticas específicas para grupos sociais, pois isso pode fragmentar a visão do nacional e distorcer a inclusão. Em vez disso, a interculturalidade deve ser encarada como um princípio que permeia a representação e a voz de todos os coletivos sociais.

As comunidades originárias latino-americanas têm o direito de intervir no aprendizado das crianças nas escolas em seus territórios, de modo que possam garantir a transmissão e preservação de suas visões de mundo, suas práticas, valores e saberes próprios. Ações políticas e pedagógicas que favorecem a integração e valorização das culturas originárias e do pensamento feminista na América Latina. A educação na perspectiva da interculturalidade requer mudanças no campo curricular, pois este tende a reforçar a tradição científica moderna e o modelo civilizatório eurocêntrico, baseado na imagem de um humano universal e transcendental, em detrimento da diversidade cultural.

Com base nesse entendimento, desenvolvemos este estudo, cujas seções seguintes trazem à tona o ativismo político e as epistemologias feministas construídas por Anzaldúa e Ochoa a partir das suas experiências em projetos de educação popular.

1. VIVER ENTRE FRONTEIRAS: A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA DE ANZALDÚA

Gloria Anzaldúa, mulher negra, campesina, trabalhadora e lésbica, traduz sua vivência e atuação política na literatura que escreve e expressa seu engajamento aos

movimentos feministas latino-americanos. Anzaldúa nasceu no Vale do Rio Grande no Texas, na fronteira com o México – Estados Unidos. Oriunda de uma família pobre e campesina, enfrentou desde os primeiros meses de vida dores intensas causadas por um desequilíbrio hormonal, somente aliviadas com a cirurgia de histerectomia aos 38 anos, uma experiência traumática. Teve a infância marcada pelo trabalho nos campos, mas buscava por momentos de liberdade e expressão criativa com a escrita de contos noturnos (Ferreira, 2023).

Relatos profundos e emocionantes são apresentados em seu ensaio intitulado “*La Prieta*”, publicado em “Essa ponte que chamo de minhas costas: escritos por mulheres radicais de cor” (Moraga, Anzaldúa, 1984, *tradução nossa*)², coeditado por Cherríe Moraga.

Como me afastar da jornada infernal que a doença me impôs, das noites alquímicas da alma. Desmembrada, esfaqueada, assaltada, espancada. Minha língua (espanhola) arrancada da boca, deixada sem voz. Meu nome roubado de mim. Minhas entradas violadas com o bisturi do cirurgião, útero e ovários jogados no lixo. Castrada. Separada de minha própria espécie, isolada. Meu sangue vital sugado por meu papel como nutridora feminina - a última forma de canibalismo (Anzaldúa, 1984, p. 231-232, *tradução nossa*)³.

Anzaldúa escreve sobre a dificuldade de conciliar o trabalho no campo com os estudos universitários. Diz ter escapado do destino tradicionalmente imposto às mulheres chicanas mais pobres que, na sua época, era viver nos campos trabalhando para sobreviver, casar e ter filhos. Sua busca por outras possibilidades a levou à Universidade Pan American, onde se formou em Artes e Literatura Inglesa. Posteriormente, tornou-se professora e mestre em educação artística e literatura pela Universidade de Austin. A inserção nos movimentos campesinos e feministas aconteceu na década de 1970 (Ferreira, 2023).

Após enfrentar obstáculos na academia, devido à resistência aos estudos feministas, Anzaldúa se mudou para São Francisco, onde formou grupos de escritoras feministas. Percebeu a predominância de mulheres brancas nesses espaços como elemento dificultador da percepção das assimetrias das relações de gênero marcadas por desigualdades étnico-raciais. Essas experiências a inspiram a unir vozes marginais e a incluir todas as formas

² Texto original: “*This bridge called my back: writings by radical women of color*” (Moraga, Anzaldúa, 1984).

³ Texto original: “*How to turn away from the hellish journey that the disease has put me through, the alchemical nights of the soul. Torn limb from limb, knifed, mugged, beaten. My tongue (Spanish) ripped from my mouth, left voiceless. My name stolen from me. My bowels fucked with a surgeon's knife, uterus and ovaries pitched into the trash. Castrated. Set apart from my own kind, isolated. My life-blood sucked out of me by my role as woman nurturer – the last form of cannibalism*

de opressão em suas discussões. Em 1981, passou a lecionar no Programa de Estudos sobre Mulheres da Universidade de São Francisco (Ferreira, 2023).

Em 1981, Anzaldúa e Moraga escreveram sobre a atuação política e pedagógica de mulheres marginalizadas na sociedade e movimentos feministas latino-americanos na obra intitulada “*This bridge called my back, writings by radical women of color*” (Moraga, Anzaldúa, 1984). Nesta obra constituiu-se um espaço inclusivo para as vozes das mulheres de cor, rompendo o silêncio imposto não apenas pela sociedade, mas também dentro do próprio movimento feminista branco.

O poder majoritário das elites brancas, na vida social como um todo, e na distribuição do conhecimento dotado de científicidade, se perpetua mediante o pacto da branquitude (Bento, 2022). Diz a autora que o pacto da branquitude é uma espécie de narcisismo, no qual “as formas de exclusão e manutenção dos privilégios nos mais diferentes tipos de instituições” levam a negação do outro, do diferente visto como ameaça: “Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma de como reagimos a ele” (Bento, 2022, p. 18).

Vozes de mulheres fronteiriças desafiam silenciamentos por meio da escrita forte, implacável, visceral. Para Anzaldúa, a escrita cria a liberdade que o mundo real lhes nega:

21 de maio de 1980

Queridas mulheres de cor, companheiras no escrever.

Sento-me aqui, nua, ao sol, máquina de escrever sobre as pernas, procurando imaginá-las. Mulher negra, junto a uma escrivaninha no quinto andar de algum edifício de Nova Iork. Sentada em uma varanda, no sul do Texas, uma chicana abana os mosquitos e o ar quente, tentando reacender as chamas latentes da escrita. Mulher índia, caminhando para a escola ou trabalho, lamentando a falta de tempo para tecer a escrita em sua vida. Asiático-americana, lésbica, mãe solteira, arrastada em todas as direções por crianças, amantes ou ex-marido, e a escrita. (...)

Como é difícil para nós pensar que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais: sentir e acreditar que podemos! O que temos para contribuir, para dar? Nossas próprias expectativas nos condicionam. Não nos diz a nossa classe, a nossa cultura e também o homem branco, que escrever não é para mulheres como nós? (...)

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito da minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que

os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (Anzaldúa, 2000, p. 229-232).

Como diz Loponte (2021), na escrita chicana de Anzaldúa, é possível sentir a pulsante vitalidade da língua, o palpitar do coração e o fervilhar do sangue. Anzaldúa convoca outras mulheres posicionadas à margem do padrão civilizatório e societário a quebrar a tradição do silêncio a elas imposto historicamente. E reinventar a identidade mulher mestiça, mesclada a sua identificação como feminista latino-americana queer: “(...) sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados” (Anzaldúa, 2005, p. 708).

Ao ressignificar as noções de gênero, etnia e sexualidade, que foram difundidas pelo poder e o saber opressivo majoritário, Anzaldúa junto com outras chicanas promove a “voz triplamente diferente”: mulher, mestiça e lésbica”. Sua narrativa abarca uma concepção de fronteira que transcende os limites físicos, destacando também as fronteiras sociais invisíveis que exercem controle sobre os sujeitos (Santos, 2014, p. 03).

A obra de Anzaldúa desarticula o conceito de mulher e a identidade indígena ou hispânica que não se encaixa nos padrões societários e epistêmicos da identidade mestiça inventada no contexto específico da cultura chicana na fronteira colonizadora e colonial. Seu objetivo é não apenas incluir a experiência chicana, mas abranger outras mulheres que se identifiquem com a noção de hibridez local (Ferreira, 2023).

Anzaldúa (2005) transcende dualidades e padrões estabelecidos. Sua obra conclama uma consciência *mestiza*⁴ que transcende fronteiras culturais, étnico-raciais, de gênero e sociais, desafiando normas e crenças pré-concebidas. Para isso, instiga as *mestizas*

⁴ O termo *mestiza* é mantido no original em espanhol quando se refere ao conceito elaborado por Gloria Anzaldúa, pois integra sua formulação teórico-epistemológica sobre a *conciencia mestiza*. Quando empregado em português (*mestiça*), o termo é utilizado em sentido descritivo, para se referir à condição identitária de mulheres latino-americanas, sem pretensão de substituir o conceito desenvolvido pela autora.

a se apoiarem mutuamente e a se envolverem ativamente nas lutas feministas. Nas palavras de Anzaldúa (2005, p. 711): *A luta da mestiza é, acima de tudo, uma luta feminista*".

A análise da história de vida e das obras de Anzaldúa nos remete às vozes de outras mulheres latino-americanas que movem fronteiras culturais. Assim como Ochoa, escritora e ativista cuja escrita interliga os feminismos à educação popular.

2. EDUCAÇÃO POPULAR NAS EXPERIÊNCIAS FEMINISTAS E OBRAS DE OCHOA

Luz Maceira Ochoa, nasceu em 1974, no México, assim como Anzaldúa. Especializada em estudos de gênero na educação e educação cidadã, Ochoa concluiu o mestrado em Estudos de Gênero pelo *El Colegio de México* e o doutorado em Pesquisas Educacionais pelo Cinvestav. Atualmente, é professora e pesquisadora na UPN-Ajusco, com ênfase em diversidade e interculturalidade (Maceira, 2009, *tradução nossa*⁵).

Ochoa escreveu o livro: "*El Sueño y la Práctica de Sí. Pedagogía Feminista: una Propuesta*" (2008), onde articula o pensamento e atuação política de mulheres da América e a educação popular, propondo uma ação pedagógica que provoque a reflexão crítica dos conflitos de gênero e a tomada de consciência através do ativismo feminista. Assim, afirma que as organizações civis são espaços de criação e impulso do feminismo, sendo fundamentais para o desenvolvimento de uma pedagogia feminista. Nas palavras de Ochoa:

O vínculo entre o feminismo e a educação popular tem uma força distinta em cada caso e é trabalhado em maior ou menor medida, em termos de uma crítica e reelaboração da educação popular a partir da ótica feminista e das necessidades do trabalho com mulheres. Na maioria dos casos, o feminismo e a educação popular são identificados como perspectivas convergentes, tanto pela perspectiva de construção social da realidade que subjaz a ambas, pelo objetivo emancipador, quanto pelo que implicava, para o fortalecimento das mulheres, em termos práticos, a participação em um projeto de educação popular (Ochoa, 2008, p. 138)⁶.

⁵ Texto original: "[...] doctora en Investigaciones Educativas por el Cinvestav, maestra en Estudios de Género por El Colegio de México. Es especialista en estudios de género en la educación y educación-ciudadana, temas sobre los cuales ha escrito varios libros y un par de manuales. Es profesora-investigadora de la upn-Ajusco en el área de diversidad e interculturalidad" (Maceira, 2009).

⁶ Texto original: "El vínculo entre el feminismo y la educación popular tiene una fuerza distinta en cada caso y está trabajado en mayor o menor medida, en términos de una crítica y reelaboración de la educación popular desde la óptica feminista y las necesidades del trabajo con mujeres. En la mayoría de los casos el feminismo y la educación popular se identifican como perspectivas convergentes, tanto por la perspectiva de construcción social de la realidad que subyace a ambas, por el objetivo emancipador, como por lo que implicaba para el fortalecimiento de las mujeres en términos prácticos el participar en un proyecto de educación popular" (Ochoa, 2008, p. 138).

A Pedagogia Feminista de Ochoa (2008) é fundamentada na análise de projetos e experiências de três organizações civis em que se envolveu e promoveu atividades educativas feministas no México: “*la Coordinadora Rural Feminista Indígena (Comaleztzin), el Grupo de Educación Popular con Mujeres (GEM) y el Instituto de Liderazgo Simone de Beauvoir (ILSB)*” (2008, p. 34).

Ochoa (2008) destaca a relação entre o feminismo e a educação popular, ressaltando que essa conexão varia em intensidade e profundidade em diferentes contextos. Ela observa que, na maioria dos casos, o feminismo e a educação popular são percebidos como perspectivas convergentes, compartilhando uma visão de construção social da realidade e um objetivo emancipador: “*Como lo señalé, hay una relectura de la educación popular, los principios de ésta se entrecruzan con una óptica feminista y se ponen en juego sus convergencias como pedagogías críticas y liberadoras para hacer un trabajo con las mujeres*” (Ochoa, 2008, p. 139).

Também Rosa (2019, p. 102) argumenta que as feministas têm subvertido a Educação Popular: “provocando olhar para novos temas, estabelecendo outros questionamentos e caminhos metodológicos das práticas educativas escolares e comunitárias”. Esse movimento visa (re)criar uma educação que valorize as histórias e saberes das mulheres, integrando-os ao processo educativo, com especial atenção às experiências feministas e à realidade do trabalho e das lutas cotidianas das mulheres:

Ouvir o que as mulheres disseram e tem a dizer quanto a educação é uma opção epistemológica, includente e humanizadora. Questionar quais suas contribuições, que temas problematizam, como pensam a educação, são exemplos de temas que a educação popular deve se preocupar. Nesse (re)pensar as mulheres como/nas fontes pedagógicas estamos encontrando temas que não estão sendo trabalhados na formação de professores/as, tampouco estão anunciamos em nossas pesquisas no campo da educação popular. O próprio conceito de Pedagogia Feminista precisa ser melhor trabalhado e estudado. Optamos por apresentar a Luz Maceira Ochoa e a sua compreensão sobre Pedagogia Feminista. Trata-se de uma pedagogia que se propõe romper com o patriarcado (Rosa, 2018, p. 05).

Rosa (2018) reforça que os estudos feministas de Ochoa fortalecem o campo da Educação Popular. A autora conclui que as pedagogias feministas, em interação com as lutas feministas latino-americanas, têm promovido uma ampliação do debate no campo da Educação Popular, à medida que resgatam os saberes e as práticas das mulheres. Segundo ela, a construção de uma Pedagogia Popular Feminista é um processo contínuo e colaborativo,

onde o conhecimento é produzido coletivamente, enriquecendo a prática educativa com base nas vivências e saberes das mulheres.

Como diz Silva (2022), a Pedagogia Feminista de Ochoa apresenta dois alicerces: um alicerce filosófico-político, que se caracteriza pela “identidade e sentido de uma pedagogia feminista”, o qual implica “(...) na busca de construção de um projeto de sociedade diferente, sem opressão nem subordinação feminina, sem nenhum tipo de discriminação e com maior liberdade para todas as pessoas”; interligado ao alicerce teórico-conceitual que se refere a visão dos sujeitos e das sujeitas como seres em construção, o que implica reconhecer sua dimensão sexual e de posição social específica perante o mundo e os processos educativos.

Por isso, Silva (2020) enfatiza a construção de uma teoria feminista educacional que incorpore as demandas de gênero, classe e raça-etnia aos pensamentos produzidos pelas feministas, constituindo uma pedagogia feminista fundada nas bases da Educação Popular.

Nesse sentido, de acordo com a autora, o processo educativo deve partir das experiências de vida, das diferenças, emoções e dores, para que cada pessoa possa recuperar-se, decidir e fazer de si mesma o que desejar. Trata-se de uma perspectiva ética contemplada no horizonte de justiça, de igualdade, de liberdade, de solidariedade que não somente é um ideal a alcançar, mas que supõe que os processos educativos procurem gerar e aprender valores éticos (Silva, 2022, p. 06).

Portanto, a interculturalidade está presente no pensamento de Paulo Freire acerca dos fundamentos e do seu projeto ético-político de educação popular. Segundo Castro e Oliveira (2022), a educação como prática de liberdade de Paulo Freire se caracteriza como espaço de encontro entre sujeitos culturais diversos, orientado por uma ética do reconhecimento mútuo e pela superação das opressões estruturais que historicamente invisibilizam os saberes dos povos subalternizados. Para Castro e Oliveira (2022), categorias como “diálogo”, “invasão cultural”, “autonomia” e “unidade na diversidade” são elementos fundantes do pensamento freireano e evidenciam que a interculturalidade não é apenas uma proposta metodológica, mas uma exigência ontológica e epistêmica para o exercício de uma pedagogia crítica em contextos pluriculturais e desiguais como o brasileiro.

Nesse sentido, afirma Freire (1997, p. 67): “A dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo no respeito a ela, é a forma de

estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos". Assim, a pedagogia freireana constitui uma síntese cultural baseada na colaboração e na escuta ativa entre os diferentes, abrindo espaço para a emergência de saberes outros e de práticas pedagógicas embasadas nas realidades e experiências de grupos historicamente oprimidos.

As obras e as experiências desenvolvidas na educação popular por Anzaldúa e Ochoa sinalizam a construção de uma Pedagogia Feminista Latino-Americana, cujo viés político e pedagógico demarca o enfrentamento ao patriarcado e colonialismo, constituindo repertórios interculturais de despatriarcalização do campo científico e da educação na América Latina. Entendemos que ambas nos instigam a repensar a educação como um espaço de inclusão real das culturas originárias, comunitárias e fronteiriças. A interculturalidade é, portanto, um elemento crucial para uma educação plural, na qual o discurso pedagógico ofereça caminhos concretos para a potencialização e emancipação das mulheres latino-americanas.

Como assinalado pelas pesquisadoras feministas latino-americanas Graziela Rinaldi da Rosa e Márcia Alves da Silva (2017), dessa perspectiva de articulação entre as epistemologias feministas e a educação popular resulta a construção de uma Pedagogia Feminista Popular na América Latina, a qual estabelece um compromisso político-epistemológico e projeta a descolonização e despatriarcalização das vidas, dos corpos e das relações sociais injustas e desiguais. Ao analisar as biografias e obras de Anzaldúa e Ochoa comprehende-se a potencialidade da relação entre o pensamento feminista latino-americano e a educação popular como ferramenta política, epistemológica e ontológica intercultural de combate à hegemonia do patriarcado e do colonialismo.

ANZALDÚA E OCHOA: REPERTÓRIOS INTERCULTURAIS DE DESPATRIARCALIZAÇÃO

Vimos que as epistemologias feministas de Ochoa e Anzaldúa foram construídas por meio do ativismo político e das práticas pedagógicas com outras mulheres fronteiriças e que, unidas, lançaram-se ao enfrentamento do patriarcado e do colonialismo hegemônico na América Latina. A intersecção entre os movimentos feministas e a educação popular é fundamental para compreender que essas experiências em diferentes tempos e contextos

culturais e sociais, possibilitaram potencializar a vida cotidiana das mulheres latino-americanas.

Assim, os repertórios interculturais construídos por Anzaldúa e Ochoa, tal como analisado ao longo do texto, evidenciam a potência das epistemologias feministas latino-americanas para questionar e desestabilizar as categorias eurocêntricas que sustentam o colonialismo e o patriarcado. Suas experiências políticas e pedagógicas, inscritas na educação popular e nos movimentos feministas, mostram que a despatriarcalização exige a valorização de saberes fronteiriços, comunitários e pluriculturais. Nesse sentido, as autoras contribuem para a formulação de uma Pedagogia Feminista Popular que articula pensamento crítico, compromisso ético-político e práticas educativas voltadas à emancipação das mulheres latino-americanas, reafirmando a necessidade de currículos e políticas educacionais que reconheçam e integrem a diversidade de vozes historicamente silenciadas (Rosa; Silva, 2017).

É urgente repensar a produção curricular de modo a reconhecer a pluralidade dos saberes, das vozes e dos corpos que historicamente foram silenciados. Repertórios interculturais constituídos a partir da intersecção entre o pensamento feminista latino-americanos e a educação popular servem de referência para a reconfiguração dos conhecimentos transmitidos nos espaços pedagógicos das escolas e universidades, de modo que se possibilite a construção de novas perspectivas, currículos e políticas curriculares.

As experiências, expressões do pensamento e saberes de mulheres chicanas e mestiças, como Anzaldúa e Ochoa, permitem perceber que questões como racismo, misoginia e sexism devem ser abordadas nos currículos das escolas, no tempo presente, já que a educação não deve apenas valorizar a pluralidade étnica, cultural e linguística presente na América Latina, mas propiciar a compreensão sobre a produção de identidades e alteridades e como são geradas exclusões e violências na vida cotidiana.

A pedagogia Feminista Popular abre espaço para pensar outras práticas em que os processos de ensinar e aprender coloquem em questão a exclusão histórica de corpos e saberes dissidentes e afirmem práticas políticas, éticas e estéticas baseadas no cuidado, na horizontalidade, na escuta e na reciprocidade. Pensamos que são insurgências políticas, pedagógicas e epistêmicas que sinalizam outras formas de educar, mais afetivas e mais comprometidas com a justiça social.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2000000100017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 out. 2024.
- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. **Revista Estudos Feministas**, [S.I.], v. 13, n. 3, p. 704-719, set-dez, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/fL7SmwjzjDJQ5WQZbvYzczb/>. Acesso em: 2 out. 2024.
- BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CASTRO, Dannyel Teles de; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Descolonização do Saber: Paulo Freire e o pensamento indígena brasileiro. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 47, e116268, p. 1-18, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-6236116268vs01>. Acesso em: 27 abr. 2025.
- FERREIRA, Ada Cristina. Gloria Anzaldúa (1942-2004). **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, [S.I.], v. 7, n. 4, 2023, p. 1-13. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/filosofas/gloria-anzaldua/>. Acesso em: 2 out. 2024.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GUTIÉRREZ, Ana Laura Gallardo. Interculturalidade como discurso emergente nas reformas curriculares da educação básica mexicana. **Revista Espaço do Currículo**, [S. I.], v. 13, n. 1, p. 4-16, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13n1.51546. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/51546>. Acesso em: 2 out. 2024.
- LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte, feminismos e escritas de si: um exercício estético e político. In: PAZETTO, Debora (org.). **Coleção articulações poéticas e escritas de si: volume III práticas feministas de si**. Santa Maria, RS: Editora PPGART, 2021, p. 33-43.
- MACEIRA, Luz María. El museo: espacio educativo potente en el mundo contemporâneo. **Scielo**. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.org.mx/pdf/sine/n32/n32a7.pdf>. Acesso em: 2 out. 2024.
- MORAGA, Cherríe; ANZALDÚA, Gloria. **This bridge called my back: writings by radical women of color**. New York, EUA: Kitchen Table, 1984.
- OCHOA, Luz Maceira. **El Sueño y la Práctica de Sí. Pedagogía Feminista**: una Propuesta. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Sociológicos, Programa Interdisciplinario de Estudios de la Mujer, 2008.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder - Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. **A Colonialidade do Saber**: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- ROSA, Graziel Rinaldi da. As Fontes Pedagógicas Latino-Americanas Numa Perspectiva Feminista. In: XII ANPEd-SUL. Eixo Temático 03 - Educação Popular e Movimentos Sociais, 2018, p. 1-7. **Anais** [...]. Disponível em:

https://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/2/2186-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf. Acesso em: 2 out. 2024.

ROSA, Graziela Rinaldi da. Pedagogias populares feministas latino-americanas: legados feministas para a educação popular. In: SILVA, Márcia Alves da; ROSA, Graziela Rinaldi da (orgs.). **Pedagogias populares e epistemologias feministas latino-americanas**. Curitiba: Brazil Publishing, 2019, p. 94-117.

ROSA, Graziela Rinaldi da; SILVA, Márcia Alves da. Práticas educativas feministas no Brasil: perspectivas epistemológicas antipatriarcais e a pedagogia feminista. In: AMARO, Sarita; DURAND, Véronique (orgs.). **Veias feministas: memória, desafios e perspectivas para a mulher no século 21**. Porto Alegre: Bonecker, 2017, p. 121-146.

SANTOS, Ana Cristina. Fronteiras da Identidade: O Texto Híbrido de Gloria Anzaldúa. **Revistas UNILA**, p. 1-22. 2014. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/6>. Acesso em: 2 out. 2024.

SILVA, Márcia Alves da. Construindo uma epistemologia feminista descolonial em Abya Yala: narrativas de mulheres campesinas do MST. In: SILVA, Márcia Alves da; ROSA, Graziela Rinaldi da (orgs.). **Pedagogias populares e epistemologias feministas latino-americanas**. Curitiba: Brazil Publishing, 2019, p. 180-198.

SILVA, Márcia Alves da. Pensamento decolonial feminista do Sul: uma experiência de educação popular a partir de narrativas de mulheres campesinas. **ECCOS Revista Científica** (on-line), n. 54, p. 1-17, jul./set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/17322>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SILVA, Márcia Alves da. Educação popular feminista numa perspectiva descolonial latino-americana. **Acta Scientiarum. Education**, v. 44, n. 1, e52637, p. 2-10. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/52637>. Acesso em: 2 out. 2024.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas**, v. 5, n. 1, p. 6-39, jan.-jul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/revistadireito/article/view/15002>. Acesso em: 2 out. 2024.

Recebido em: Maio/2025.

Aprovado em: Novembro/2025.